



UNIVERSITY OF
GLOUCESTERSHIRE

This is a peer-reviewed, final published version of the following document and is licensed under Creative Commons: Attribution 3.0 license:

Krainitzki, Eva L ORCID logoORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1178-718X> (2013) A figura da “invertida” congénita em 'The Well of Loneliness' (1928) de Radclyffe Hall e as origens da lésbica “máscula”. LES Online: Publicação Digital Sobre Questões Lésbicas, 5 (1).

Official URL: <http://lespt.org/lesonline/index.php?journal=lo&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=68>

EPrint URI: <https://eprints.glos.ac.uk/id/eprint/2619>

Disclaimer

The University of Gloucestershire has obtained warranties from all depositors as to their title in the material deposited and as to their right to deposit such material.

The University of Gloucestershire makes no representation or warranties of commercial utility, title, or fitness for a particular purpose or any other warranty, express or implied in respect of any material deposited.

The University of Gloucestershire makes no representation that the use of the materials will not infringe any patent, copyright, trademark or other property or proprietary rights.

The University of Gloucestershire accepts no liability for any infringement of intellectual property rights in any material deposited but will remove such material from public view pending investigation in the event of an allegation of any such infringement.

PLEASE SCROLL DOWN FOR TEXT.

This is the final published version and is licensed under a [Creative Commons Attribution 3.0 License](#):

Krainitzki, Eva L (2013). *A figura da “invertida” congénita em 'The Well of Loneliness' (1928) de Radclyffe Hall e as origens da lésbica “máscula”*. LES Online: Publicação digital sobre questões lésbicas, 5 (1)

Published in LES Online: Publicação digital sobre questões lésbicas, and available online at:

<http://lespt.org/lesonline/index.php?journal=lo&page=article&op=view&path%5B%5D=68&path%5B%5D=62>

We recommend you cite the published version.

The URL for the published version is

<http://lespt.org/lesonline/index.php?journal=lo&page=article&op=view&path%5B%5D=68&path%5B%5D=62>

Disclaimer

The University of Gloucestershire has obtained warranties from all depositors as to their title in the material deposited and as to their right to deposit such material.

The University of Gloucestershire makes no representation or warranties of commercial utility, title, or fitness for a particular purpose or any other warranty, express or implied in respect of any material deposited.

The University of Gloucestershire makes no representation that the use of the materials will not infringe any patent, copyright, trademark or other property or proprietary rights.

The University of Gloucestershire accepts no liability for any infringement of intellectual property rights in any material deposited but will remove such material from public view pending investigation in the event of an allegation of any such infringement.

PLEASE SCROLL DOWN FOR TEXT.

A FIGURA DA “INVERTIDA” CONGÉNITA EM *THE WELL OF LONELINESS* (1928), DE RADCLYFFE HALL E AS ORIGENS DA LÉSBICA “MÁSCULA”

Eva Krainitzki
ekrainitzki2@glos.ac.uk

RESUMO

Extensamente lido, incessantemente criticado, amado e odiado, o romance *The Well of Loneliness* (1928), de Radclyffe Hall pode ser considerado um clássico da literatura lésbica. Apesar de ter sido alvo de críticas violentas ao longo dos anos, apresenta a oportunidade de um discurso “em troca” no sentido foucaultiano, dando voz a uma subjectividade homoerótica feminina, a “invertida congénita” dos sexólogos. Uma reflexão sobre o romance *The Well* é incontornável no quadro dos estudos sobre a representação da identidade e visibilidade lésbicas. Discute-se neste artigo a influência dos discursos da sexologia do século XIX e a problemática do binarismo heterossexista na construção da proto-identidade lésbica contida neste romance.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Lésbica; género; sexólogos; masculinidade feminina

1. INTRODUÇÃO

Publicado a 27 de Julho de 1928, o romance inglês, *The Well of Loneliness* (traduzido como *Poço de Solidão*, pela Planeta Editora em Portugal), escrito por “John” Radclyffe Hall (1880-1943), foi de imediato um sucesso de vendas mesmo antes da autora ser alvo de um polémico julgamento por obscenidade (após a censura, a obra só seria reeditada na Grã-Bretanha em 1949). Ao longo dos anos, *The Well* permitiu articular interessantes debates sobre a identidade lésbica e a questão da representação cultural da mesma.¹

A protagonista de *The Well*, Stephen Gordon, é representada de acordo com a teoria da “inversão sexual” dos sexólogos do século XIX (note-se que, tal como a autora que adoptou o nome John em vez de Marguerite, esta personagem apresenta um nome tipicamente masculino). A categoria da “invertida” pode mesmo ser entendida como uma categoria proto-identitária lésbica, estabelecendo-se assim a continuidade de uma visibilidade lésbica centrada numa masculinidade feminina. A adopção de papéis de género² tradicionalmente masculinos pela mulher lésbica constitui uma prática histórica e contemporânea e é neste sentido que uma leitura deste “clássico” lésbico permite visitar estas questões fundamentais.

¹ Este artigo baseia-se na minha tese de mestrado, intitulada “‘There are so many of us’: A Diversidade na Representação da Identidade Lésbica em *The Well of Loneliness* de Radclyffe Hall” (Krainitzki, 2007). Agradeço à Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) pela bolsa de apoio à dissertação de Mestrado que me possibilitou realizar este projecto em 2006-2007.

² Entenda-se identidade como um processo, em devir, no sentido proposto por Weeks (1987) ou Butler (1990, 1999). Identidade de género deverá assim ser entendida como uma interpretação, simultaneamente social e individual, das características associadas a cada um dos sexos (feminino, masculino). A identidade sexual, por sua vez, deve ser entendida como uma construção complexa decorrente da combinação entre as categorias de sexo, género, prática sexual e orientação sexual.

2. Um romance sobre a “inversão”

As sucessivas críticas a *The Well* derivam principalmente da insistência da autora na teoria da inversão sexual. Hall estudou os textos dos sexólogos Ulrichs, Ellis, Krafft-Ebing, Hirschfeld e Carpenter e na sua obra a influência destas teorias é visível (Cline, 1998; Souhami, 1998). Independentemente do intuito emancipatório da nova ciência da sexologia, o seu discurso constrói a homossexualidade como degenerescência nervosa ou condição patológica (Bristow, 1997). Como nota Cascais, torna-se imperativo entender a ambiguidade inerente à ciência da sexologia “que tanto pôde servir o controle como a emancipação” (Cascais, 2004: 23).

Michael Baker afirma que Hall estaria determinada a acreditar nos estudos de sexologia, apesar da fragilidade teórica e metodologias duvidosas (Baker, 1985: 217). Sally Cline, pelo contrário, sugere que Hall terá aproveitado Krafft-Ebing e Ellis pelo conceito de inversão congénita, em conjunto com a ideia de “terceiro sexo” de Hirschfeld e Carpenter por coincidir com os seus propósitos literários (Cline, 1997: 42). Diana Souhami concorda, Hall retirou os fragmentos que lhe convinham para elaborar uma teoria muito própria de lesbianismo: “Radclyffe Hall took the bits that suited her [...] and came up with a theory of lesbianism” (Souhami, 1997: 155).

Hall incumbiu-se do cargo de porta-voz de um grupo. A autora assume o papel do indivíduo homossexual moralmente superior, encarregada de educar a sociedade, aproximando-se da função que Edward Carpenter atribui ao “sexo intermédio” (Carpenter, 1912). O inatismo inerente à noção de inversão, absolvía o indivíduo do “crime” sexual associado anteriormente às práticas homossexuais, permitindo-se entender a inversão como precursora do conceito de orientação sexual. Tal como os papéis sexuais, também os papéis sociais de género são “invertidos” e a mulher invertida é caracterizada como masculina. Assim sendo, Hall poderia associar a sua preferência pessoal por uma indumentária masculina, o seu interesse por equitação e caça, até mesmo o seu humor instável, a uma teoria “científica”, conferindo legitimidade e uma maior consistência à sua identidade de género.³ Nas palavras de Faderman, “She was, after all, a man trapped in a woman’s body” (1985: 317). Se é verdade que a sexologia pode surgir como uma imposição, obscurecendo a diversidade sexual através do mito do destino sexual (Weeks, 1987: 37), por outro lado, não devemos esquecer que estas categorias sexuais permitiram ao indivíduo homossexual entender a sua sexualidade não normativa, constituindo-se uma auto-identidade, passível de actos de resistência (Weeks, 1981: 105-108).

The Well poderá mesmo ser entendido como um exemplo literário do discurso “em troca” formulado por Michel Foucault (1976, 1994: 104). Foucault faz a diferenciação entre o indivíduo que pratica o *acto* da sodomia e o *indivíduo* homossexual. A diferença fundamental

³ O sistema de sexo/ género da época não permite, obviamente, entender o género como socialmente construído. A separação entre sexo, género e sexualidade é desenvolvido no século XX, através das teorias feministas da Segunda Vaga e com origem na antropologia, nomeadamente, Margaret Mead, que propôs a teoria de que o sexo é biológico, mas que o comportamento sexual consiste numa construção social (Macedo & Amaral, 2005: 87-88).

consiste entre um *acto* (ocasional) e uma *espécie* de indivíduo. O discurso da sexologia permitiu a posição de sujeito do indivíduo homossexual, fundamental para a formação identitária com base na orientação sexual. Ao apropriar um discurso médico especializado (e masculino), tornando-o acessível a um público ávido por uma definição mais positiva da sua sexualidade, Hall possibilita a formação discursiva da identidade da “invertida”. Deste modo, Hall transformou o discurso médico-científico num argumento a favor do direito à existência plena das/os invertidas/o (Ruehl, 1982: 18). A obra permite, assim, a articulação de conceitos e definições de homossexualidade, criando as bases para uma futura solidariedade em termos políticos, inclusivamente para o que viria a ser o movimento *gay* e lésbico contemporâneo (Ruehl, 1982: 21-27). Se é possível encontrar no discurso “em troca” da personagem Stephen algum potencial emancipatório, este verifica-se na existência de um mito de origem da formação da visibilidade da lésbica “ máscula”. Assim sendo, *The Well* surge como o romance de formação da primeira lésbica máscula, identidade que pode ser considerada a expressão mais visível de uma sexualidade lésbica e a que garante um elemento de autenticidade. A personagem Stephen é uma pioneira, tendo a sua criação ficcional correspondido a um primeiro passo para a construção de uma identidade lésbica moderna. A verdadeira invertida precede a figura da *butch*, a “camionista,”⁴ que foi “durante muito tempo considerada o expoente do lesbianismo” (Brandão, 2009: 90).

3. Stephen Gordon e a figura da lésbica masculina

No contexto da crítica literária lésbica e nos estudos lésbicos, no geral, a personagem Stephen assumiu o estatuto de um símbolo (Radford, 1986; Newton, 1989; Doan, 2001; Inness, 1997). Stephen simboliza a lésbica “ máscula”. Para muitas autoras, Stephen consiste numa representação negativa da figura lésbica, por manter ou mesmo reforçar o estereótipo social da lésbica com características tradicionalmente codificadas como masculinas. Refira-se que muitas das mulheres do grupo de Hall não se identificavam com este modelo sexológico de lesbianismo,⁵ um modelo que segundo Faderman (1985), foi introduzido pelo discurso da sexologia. A partir dos anos setenta, a obra foi alvo de críticas da comunidade lésbico-feminista, que viam na representação da relação *butch-femme* uma imitação da heteronormatividade, uma réplica das relações de poder e da opressão sofrida pelas mulheres na cultura dominante (Faderman, 1992: 580). Outro alvo de críticas por parte das suas contemporâneas foi a opção de Hall de ampliar o elemento trágico da experiência dos invertidos.

Esther Newton apresenta uma perspectiva alternativa, e nota que uma segunda geração de “New Women”,⁶ que surgiu em finais do século XIX, afastou-se activamente de um

⁴ A expressão *butch* poderá ser traduzida num contexto cultural português como “camionista”.

⁵ Veja-se a recensão de Vera Brittain, uma das suas contemporâneas (Brittain *in* Doan & Prosser, 2001).

⁶ A “New Woman” surgiu como um ideal feminino emancipatório em finais do século XIX, na Europa e na América do Norte. Consistia numa reacção ao limitado papel reservado à mulher durante a época vitoriana. A “New Woman”

modelo assexuado da “amizade romântica” de séculos passados com o intuito de expressar uma identidade explicitamente homossexual e publicamente visível (1989: 95). O modelo masculinizado da mulher invertida terá surgido como um novo código, uma nova forma de sexualidade: “To become avowedly sexual, the New Woman had to enter the male world, either as a heterosexual on male terms [...] or as a lesbian in male body drag (the mannish lesbian/congenital invert)” (Newton, 1989: 100). O corpo andrógino de Stephen – um corpo feminino com características supostamente masculinas – assume uma ambivalência simbólica na medida em que reúne os ideais feministas de uma determinada geração e os estigmas da trágica figura da invertida congénita (1989: 98).

No contexto de uma cultura heteronormativa, a masculinidade feminina (Halberstam, 2004) é inevitavelmente entendida como patológica e passa a significar a incapacidade do sujeito de “interpretar” o papel de género definido para o seu sexo. No contexto lésbico, no entanto, a masculinidade feminina poderá ser entendida como uma deslealdade ao compromisso com o feminino, ideia presente nas críticas à caracterização de Stephen, por se identificar com características tradicionalmente masculinas. Brandão refere esta polémica a propósito da imagem masculinizada de Hall e de uma subcultura lésbica emergente, explicando o seguinte:

“A adopção de uma imagem masculinizada não implica, pois, obrigatoriamente, o desejo por parte das mulheres que a adoptaram de serem homens ou de serem confundidas com homens. Mas elas poderão ter-se servido dos quadros de referência dominantes para criar um modelo identitário distinto dos modelos sexuais e de género dominantes, o que se verifica ainda nos nossos dias.”

(Brandão, 2010: 319)

Não obstante a continuidade das críticas a *The Well*, Newton afirma que esta obra foi relevante, e para muitas mulheres o continua a ser, precisamente por confrontar o estigma social associado ao lesbianismo (1989: 90). Um sentimento de alteridade e uma vontade de se diferenciarem de uma feminilidade heteronormativa pode explicar a continuidade de uma visibilidade centrada em masculinidades lésbicas. Interessa aqui apontar para a verdadeira problemática, que consiste num entendimento heteronormativo e binário da feminilidade e da masculinidade.

4. Binarismo de Género e Heteronormatividade

Sendo *The Well* um romance sobre o amor entre mulheres, a presença de um discurso heteronormativo explícito causa estranheza. Os agentes heteronormativos presentes em *The Well* correspondem à família, à escola, à Igreja, às normas da aristocracia inglesa, todas elas instituições reguladoras e difusoras da normalidade heterossexual. Assim, a

representa uma maior liberdade, a contestação aos papéis de género tradicionais, a autonomia e a individualidade femininas.

heterossexualidade surge como norma e a relação heterossexual é entendida como o ideal inatingível para a personagem principal.

Ao representar Stephen como *gentleman*, ideal da masculinidade hegemónica inglesa, Hall contribuiu para uma visibilidade lésbica que vai ao encontro do imaginário da ideologia popular heterossexual – a lésbica máscula, facilmente identificável pela sua indumentária masculina (Inness, 1997: 21). E no entanto, é a heteronormatividade que é responsável pelos repetidos actos de exclusão e ostracismo sofridos por Stephen. Apesar do seu estatuto social e poder económico, é-lhe negado algo tão simples como o casamento com a pessoa amada. No contexto de uma sociedade heteronormativa, Stephen surge como um sujeito ambíguo, discordante com qualquer um dos papéis de género estabelecidos. A sua interpretação de feminilidade afasta-se da norma e, logo, emerge como masculinidade, a única alternativa disponível. Privada de uma alternativa, Stephen expressa a sua diferença de um modo que a aproxima do papel tradicionalmente masculino. Em busca de uma identidade não-heterossexual, recorre à definição estabelecida pelos sexólogos, a única disponível. Stephen questiona – “Why am I as I am – and what am I?” (152). No seu contexto cultural, as respostas resumem-se, no entanto, ao discurso religioso do pecado, enunciado pela sua mãe – “this thing you are is a sin against creation” (203) e ao discurso médico dos sexólogos. Stephen rejeita a noção de pecado e opta pela proto-identidade sexual da inversão congénita.⁷

O problema inerente às teorias da inversão sexual é uma concepção de género e sexualidade assentes num binarismo essencialista (Levy, 2004). Os princípios activo e passivo, inerentes à oposição binária masculino/feminino, respectivamente, e associados à concepção heterossexual de um relacionamento, são aproveitados na teoria da inversão sexual para articular a ideia de desejo entre duas pessoas do mesmo sexo. O sexólogo associa esta mesma oposição sexual a um casal de duas pessoas do mesmo sexo, decalcando o modelo conjugal heterossexual.⁸ Este binarismo heterossexista encontra-se na crítica dirigida às relações *butch-femme* que vê a masculinidade lésbica como imitação do *homem*. Como nota Brandão, no discurso feminista quer a lésbica mais masculina, *butch*, quer a lésbica mais feminina, *femme*, surgem como categorias “altamente controversas” (2010: 321). Será a solução tentar entender Stephen e outras figuras lésbicas masculinas através de teorias *queer*?

5. QUEERING STEPHEN: NOTAS CONCLUSIVAS

No contexto contemporâneo das teorias *queer* e de um pós-feminismo, o que significa a personagem Stephen? Ainda pode ser considerada uma personagem controversa? A teoria *queer* tem como objectivo desestabilizar identidades, opõe-se à regulação de identidades e à imposição de fronteiras geradas pelo sistema sexo/ género e defende o direito à ambiguidade

⁷ Para mais detalhes sobre as teorias sexuais, veja Carpenter (1912), Ellis (1901, 1921; 1928) e Krafft-Ebing (1886, 2006).

⁸ Veja nota 7.

de género, assim como à contradição nas características de género (Butler, 1990, 1999; Jagose, 1996; Cascais, 2004).

Neste contexto, surgem leituras alternativas da obra. Jay Prosser (2001) afasta-se da discussão lésbico-feminista e interpreta *The Well* como um *Bildungsroman* transgénero. Halberstam pretende tornar inteligível um sujeito marcado pela ambiguidade de género e tornar a masculinidade feminina reconhecível e legítima (2001; 2004). A autora aponta para as limitações da inversão sexual enquanto teoria da homossexualidade na sua tentativa de explicar os mais variados comportamentos desviantes em termos de um sistema de género binário cujos termos masculino e feminino dependem da estabilidade do binário homossexual/heterossexual (2001: 146-147).

Será que podemos entender a masculinidade de Stephen como performatividade de género, como proposto por Butler? Butler afirma o seguinte: “Gender is the repeated stylization of the body, a set of repeated acts within a highly rigid regulatory frame that congeal over time to produce the appearance of substance, of a natural sort of being” (1990, 1999: 43-44). Se o género se constitui *performativamente* através de actos repetidos, podemos entender a masculinidade de Stephen como uma repetição das práticas constituintes de uma masculinidade feminina e não como a “mente masculina num corpo feminino” da inversão sexual? A teoria *queer* sugere entendermos as identidades como construções ficcionais, arbitrárias, contingentes e ideologicamente motivadas (Jagose, 1996: 130). Como já foi referido, Hall terá utilizado elementos da teoria da inversão sexual para a sua construção ficcional de Stephen como o intuito estratégico de enunciar um discurso de solidariedade entre os invertidos e dirigir um apelo à tolerância da sociedade heterossexista. O derradeiro valor de *The Well* prende-se à centralidade de uma personagem *queer*, que é representada de forma visível através de uma masculinidade feminina e uma identidade não-heterossexual. A visibilidade de Stephen acaba por permitir que mulheres mais masculinas encontrem um modelo emancipatório. Se esta obra e a sua protagonista ainda detêm o poder de comunicar com leitores/as portuguesas/as no século XXI fica por averiguar. Fica a sugestão para um próximo estudo.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, A. A. (1926). Evolução da pederastia e do lesbianismo na Europa. Contribuição para o estudo da inversão sexual. In Arquivo da Universidade de Lisboa (vol. XI).
- Baker, M. (1985). *Our three selves. The life of Radclyffe Hall*. New York: William Morrow.
- Brandão, A. M. (2009) Queer, mas não muito: Género, sexualidade e identidade nas narrativas de vida de mulheres, *Ex æquo*, vol 20, 81-96.
- Brandão, A. M. (2010) Da sodomita à lésbica: O género nas representações do homo-erotismo feminino, *Análise Social*, vol. XLV(195), 307-327.
- Bristow, J. (1997). *Sexuality*. London: Routledge.

- Butler, J. (1990, 1999). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge.
- Butler, J. (2004). *Undoing gender*. New York: Routledge.
- Carpenter, E. (1912). *The intermediate sex. A study of some transitional types of men and women*. (3rd ed.) London: George Allen.
- Cascais, A. F. (2004). "Um nome que seja seu": Dos estudos gays e lésbicos à teoria *queer*. In Cascais, A. F. (org.). *Indisciplinar a teoria. Estudos Gays, Lésbicos e Queer* (pp. 21-89). Lisboa: Fenda.
- Cline, S. (1998). *Radclyffe Hall. A woman called John*. Woodstock: The Overlook Press.
- Doan, L. & Prosser, J. (Eds.). (2001). *Palatable poison. Critical perspectives on The Well of Loneliness*. New York: Columbia University Press.
- Doan, L. (2001). 'The outcast of one age is the hero of another': Radclyffe Hall, Edward Carpenter and the Intermediate Sex. In Doan, L. & Prosser, J. (Eds.), *Palatable poison. Critical perspectives on The Well of Loneliness* (pp. 162-178). New York: Columbia University Press.
- Ellis, H. (1901, 1921). *Studies in the psychology of sex. vol. II. Sexual inversion*. (3rd ed.). Philadelphia: F.A. Davis Company, Publishers.
- Ellis, H. (1928). Commentary. In Doan, L. & Prosser, J. (Eds.), *Palatable poison. Critical perspectives on The Well of Loneliness* (p35). New York: Columbia University Press.
- Faderman, L. (1985). *Surpassing the love of men*. London: The Women's Press.
- Faderman, L. (1992). The return of butch and femme: A phenomenon in lesbian sexuality of the 1980s and 1990s. *Journal of the history of sexuality*, 2 (4), 578-596.
- Foucault, M. (1976, 1994). *História da Sexualidade I. A Vontade de Saber*. Trad. P. Tamen. Lisboa: Relógio D'Água.
- Halberstam, J. (2001). 'A writer of misfits': 'John' Radclyffe Hall and the discourse of inversion. In Doan, L. & Prosser, J. (Eds.), *Palatable poison. Critical perspectives on The Well of Loneliness* (pp. 145-161). New York: Columbia University Press.
- Halberstam, J. (2004). Female Masculinity. In Rivkin, J. & Ryan, M. (Eds.), *Literary Theory. An anthology* (pp. 934-956). Malden: Blackwell.
- Hall, R. (1928, 1999). *The well of loneliness*. London: Virago.
- Inness, S. A. (1997). Who's afraid of Stephen Gordon. In Inness, S. A., *The lesbian menace. Ideology, identity and the representation of lesbian life* (pp. 13-32). Massachusetts: UMP.
- Jagose, A. (1996) *Queer Theory. An Introduction*, New York: New York University Press.
- Krafft-Ebing, R. (1886, 2006). *Psychopathia sexualis. The case studies*. Trans. Domino Falls. s.l.: Wet Angel Books.
- Krainitzki, E. (2007). 'There are so many of us': A Diversidade na Representação da Identidade Lésbica em *The Well of Loneliness* de Radclyffe Hall, Tese de Mestrado, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- Levy, T. (2004). Crueldade e crueza do binarismo. In Cascais, A. F. (Ed.), *Indisciplinar a teoria. Estudos Gays, Lésbicos e Queer* (pp. 183-214). Lisboa: Fenda.
- Macedo, A. G. & Amaral, A. L. (Eds.). (2005). *Dicionário da Crítica Feminista*. Porto: Edições Afrontamento.
- Marcus, J. (1990). Sapphistory: The Woolf and The Well. In Jay, K. & Glasgow, J. (Eds.). (1990). *Lesbian texts and contexts: Radical revisions* (pp. 164-179). New York: New York UP.
- Newton, E. (1989). The mythic mannish lesbian: Radclyffe Hall and the New Woman. In Doan, L. & Prosser, J. (Eds.), *Palatable poison. Critical perspectives on The Well of Loneliness* (pp. 89-108). New York: Columbia University Press.

- Parkes, A. (1994). Lesbianism, history, and censorship: *The well of loneliness* and the suppressed randiness of Virginia Woolf's *Orlando*. *Twentieth century literature*, 40 (4), 434-460.
- Prosser, J. (2001). 'Some primitive thing conceived in a turbulent age of transition': The transsexual emerging from *The Well of Loneliness*. In Doan, L. & Prosser, J. (Eds.), *Palatable poison. Critical perspectives on The Well of Loneliness* (pp. 129-144). New York: Columbia University Press.
- Radford, J. (1986). An inverted romance: *The well of loneliness* and sexual ideology. In Radford, J. (Ed.). *The progress of romance. The politics of popular fiction* (pp. 97-111). London: Routledge.
- Ruehl, S. (1982). Inverts and experts: Radclyffe Hall and the lesbian identity. In Brunt, R. & Rowan, C. (Eds.), *Feminism, culture and politics* (pp. 15-36). London: Lawrence & Wishart.
- Souhami, D. (1998), *The trials of Radclyffe Hall*. London: Weidenfeld & Nicolson.
- Weeks, J. (1987). Questions of Identity. In Caplan, P. (Ed.), *The cultural construction of sexuality* (pp. 31-51). London: Routledge.